



A CRUZADA PERDIDA DO CETICISMO CRENTE

THE DEFEATED CRUSADE OF BELIEVER SKEPTICISM

LA CRUZADA PERDIDA DEL ESCEPTICISMO CREYENTE

Gustavo Castañon*

Universidade Federal de Juiz de Fora.

Departamento de Filosofia.

Juiz de Fora, MG, Brasil.

E-mail: gustavocastanon@hotmail.com

ORCID: [0000-0002-2979-7995](https://orcid.org/0000-0002-2979-7995)

RESUMO

Esta comunicação continua um debate originado em torno do livro *Science of Life After Death*, publicado originalmente pela editora científica Springer. O contexto é o crescente volume de investigações científicas de fenômenos que, se confirmados, teriam como explicação mais provável a sobrevivência da consciência à morte do corpo. Respondendo a algumas alegações de uma resenha sobre essa obra, aproveito para ilustrar quatro erros típicos e ingênuos – cometidos por aqueles que chamo de *céticos crentes* – sobre a natureza da ciência. Primeiro, *céticos* tendem a resistir a esforços para submeter certos fenômenos – que de antemão já acreditam impossíveis – à investigação científica. Segundo, tendem a ignorar que o verdadeiro ofício da ciência é a previsão, e não a explicação. Terceiro, tendem a achar que a ciência é um empreendimento ateuista, e que pessoas com crenças religiosas são intrusos indesejáveis no jogo científico. Quarto, costumam a considerar *monismo* e *naturalismo* coextensivos a *materialismo*. Ao debater o conteúdo do livro em tela e de sua resenha, concluo aqui que a quantidade de evidências acumuladas por cientistas pioneiros tornou impossível aos *céticos* impedir a investigação científica desses fenômenos.

Palavras-chave: Sobrevivência; Consciência; Sobrevivência da consciência; Experiências de quase-morte; Ceticismo.

ABSTRACT

This communication continues a debate over the book Science of Life After Death, originally published by the scientific publisher Springer. The context is the growing volume of scientific investigations of phenomena that, if confirmed, would have the most likely explanation being the survival of consciousness after death. Responding to some allegations of a review about this work, it takes the opportunity to illustrate four typical and naive errors - committed by those I call believing skeptics - about the nature of science. First, skeptics tend to resist efforts to subject certain phenomena – which they already believe to be impossible – to scientific

* Doutorado em Psicologia e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e em Lógica e Metafísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado em Filosofia da Ciência pela Durham University.

investigation. Second, they tend to ignore that science's actual business is prediction, not explanation. Third, they tend to think that science is an atheistic enterprise and that people with religious beliefs are unwelcome interlopers in the scientific game. Fourth, skeptics used to consider monism and naturalism coextensive to materialism. When debating the book's content and review, it concludes that the amount of evidence accumulated by pioneering scientists made it impossible for skeptics to prevent the scientific investigation of these phenomena.

Keywords: *Survival; Consciousness; Survival of consciousness; Near-death experiences; Skepticism.*

RESUMEN

Esta comunicación es la continuación de un debate que se originó en torno al libro La ciencia de la vida después de la muerte, publicado originalmente por la editorial científica Springer. El contexto es el creciente volumen de investigaciones científicas sobre fenómenos que, de confirmarse, tendrían como explicación más probable la supervivencia de la conciencia tras la muerte del cuerpo. Respondiendo a algunas acusaciones de una reseña sobre el libro mencionado, aprovecho la oportunidad para ilustrar cuatro errores típicos e ingenuos – cometidos por aquellos a quienes llamo escépticos creyentes– sobre la naturaleza de la ciencia. En primer lugar, los escépticos tienden a resistirse a los esfuerzos por someter ciertos fenómenos –que ya consideran imposibles– a la investigación científica. En segundo lugar, los escépticos tienden a ignorar que el verdadero cometido de la ciencia es la predicción, no la explicación. En tercer lugar, los escépticos tienden a pensar que la ciencia es una empresa atea y que las personas con creencias religiosas son intrusos no deseados en el juego científico. En cuarto lugar, tienden a considerar el monismo y el naturalismo como coextensivos con el materialismo. Al debatir el contenido del libro en cuestión y su reseña, concluyo aquí que la cantidad de evidencia acumulada por los científicos pioneros hizo imposible que los escépticos impidieran la investigación científica de estos fenómenos.

Palabras clave: *Supervivencia; Conciencia; Supervivencia de la conciencia; Experiencias cercanas a la muerte; Escepticismo.*

1 INTRODUÇÃO

O livro *Science of Life After Death* (Moreira-Almeida; Costa; Coelho, 2022), publicado pela prestigiosa editora científica Springer, marca, por si só, uma mudança no ambiente acadêmico. Há dez anos, seria impensável a Springer publicar obra com esse título. Hoje já há um volume significativo de investigações científicas de fenômenos que, se confirmados, teriam como explicação mais provável a sobrevivência da consciência à morte. Alguns autodenominados *céticos* criticaram duramente a obra (fato comum na investigação de estados alterados da consciência). Aqui, destacarei aspectos relevantes deste trabalho e o usarei como exemplo do que chamo de *cruzada cética* contra a investigação de problemas que desafiam a visão de mundo materialista. Como estudo de caso, responderei a alegações de resenha sobre a obra citada, publicada nesta revista por Daniel e Natacha Gontijo (2023).

A tradução desta obra (Moreira-Almeida, Costa, Coelho, 2023) oferece ao leitor

não familiarizado com a investigação científica de estados alterados da consciência um panorama atual dos três grupos de fenômenos mais sugestivos da possibilidade da sobrevivência da consciência: as alegações de mediunidade, reencarnação e experiências de quase-morte (EQMs).

A obra começa com uma introdução histórica ao pensamento sobre o problema, e em seguida introduz hipóteses de explicação para as alegações dos três fenômenos. Depois resumem as melhores evidências disponíveis para os fenômenos de mediunidade, EQM e reencarnação.

O argumento central dos autores é que, mais do que qualquer evidência isolada, o que conta como melhor evidência científica para a sobrevivência da consciência à morte é a convergência “dos achados de centenas de estudos científicos realizados por muitos pesquisadores em uma ampla variedade de experiências espirituais e anômalas” (Moreira-Almeida, Costa, Coelho, 2022, p.12). A sobrevivência da consciência seria a explicação mais simples para o corpo de evidências de que dispomos das investigações desses fenômenos.

A perseverança da crença na vida após a morte atualmente mostraria que a ideia de que ela não tem mais lugar é um mito. Para eles, preconceitos culturais e psicológicos são frequentemente os maiores obstáculos para a aceitação da sobrevivência da consciência como um fato da natureza. O maior deles seria a adoção da tese metafísica do fisicalismo como se fosse teoria científica corroborada, o que buscam rebater no terceiro capítulo.

2 A CRUZADA CÉTICA

Talvez a maior fonte de preconceito contra esse tipo de investigação venha de um fenômeno atual, a militância *cética*. O *cético* (ou, talvez, crente na extinção da consciência com a morte cerebral) que leu esta comunicação até este parágrafo, deve estar revoltado por ter que lidar com fenômenos como mediunidade, reencarnação e EQM numa revista científica. Mas, se quiser conselho de um incansável lutador pela ciência moderna, digo que é bom se acostumar. Cada vez mais encontram-se meios de submeter à investigação científica (até a experimentos, no caso da mediunidade) essas três alegações de experiências tão antigas quanto a humanidade.

Não poderia ser diferente. A questão da sobrevivência da consciência à morte é talvez a mais importante das questões. Não investigar fenômenos que têm implicação direta sobre ela seria uma renúncia inaceitável para a ciência.

2.1 Quatro erros comuns dos *céticos crentes*

De forma geral, *céticos* (ou *crentes*) e *divulgadores científicos* (cada vez mais comuns na era do YouTube) cometem quatro erros ingênuos acerca da natureza da ciência, geralmente por falta de (ou desprezo pela) cultura filosófica (sim, é a filosofia que define o que é ciência, não o contrário).

Primeiro, *céticos* tendem a resistir à submissão de certos fenômenos à investigação científica, que de antemão já creem (daí os *crentes*) impossíveis. Eles costumam se comportar como se ciência se definisse não pelo método usado para investigar um objeto, mas sim pelo próprio tipo de objeto que pode ser investigado. Investigações de objetos desagradáveis para suas crenças são consideradas invasões indevidas do sagrado território materialista da ciência, único onde se sentem capazes de impor sua visão de mundo (que não é cética) sem importunação de *religiosos*. Mas quando você investiga cientificamente um fenômeno, não está necessariamente assumindo com isso qualquer crença sobre sua natureza, a não ser a de que há algo sendo interpretado como o fenômeno e que isso é passível de investigação. Se um fenômeno é alegado por milhões de seres humanos desde tempos imemoriais, ele requer investigação científica. O contrário seria relegá-lo ao terreno da superstição e do misticismo, visto que ele não desaparecerá porque alguém não o quer no mundo.

Segundo, os *céticos* tendem a ignorar que o ofício básico da ciência é a *previsão*, e não a *explicação*. Explico. O que caracteriza o tipo de conhecimento obtido pelo método experimental é a capacidade de prever o comportamento de fenômenos e de manipular a natureza para causar resultados desejados. A explicação científica é só um subproduto da ciência e é sempre *hipotética*. Isso quer dizer que qualquer pessoa razoavelmente inteligente é geralmente capaz de explicar qualquer fenômeno com base em um conjunto de teorias aceitas. É o famoso *Freud explica*. E a psicanálise não é uma ciência moderna exatamente porque explica tudo, mas não prevê nada. Uma previsão não tem o luxo da retrospectão. Se o resultado previsto não ocorre, está falsificada. A explicação se dá depois do fato; a previsão, antes. A ciência *descreve* e *prevê* os fenômenos, e só derivadamente, os *explica*.

Terceiro, *céticos* tendem a achar que a ciência é um empreendimento ateuista, e que pessoas com crenças religiosas são intrusos indesejáveis nela. Eles geralmente cobram que as pessoas *assumam* suas crenças, como se isso fosse uma espécie de crime científico. Mas geralmente não assumem suas crenças ateuistas e materialistas, vestindo o modelo de virtude do *cético*. Cético, porém, é quem coloca em dúvida e suspende o

juízo, não quem crê que não há Deus ou que tudo é *matéria*.

Quarto, *céticos* tendem a considerar os conceitos de *naturalismo* e *monismo* como coextensivos ao de *materialismo*, principalmente na questão da relação mente-cérebro. Mas isso é falso, alguém pode considerar que não há causação fora da natureza e ao mesmo tempo que a consciência é uma de suas forças fundamentais e irreduzíveis. Também pode considerar que só há uma substância, mas ela é de natureza psíquica e não material.

2.2 A resenha *cética* sobre *Ciência da Vida após a Morte*

Os autores da resenha supracitada não cometem todos esses erros. Por exemplo, eles reconhecem a importância de submeter os fenômenos abordados no livro à investigação científica. Mas parecem cobrar dos autores uma explicação diferente para os fenômenos, ou que assumam suas crenças (que todo cientista tem). A atividade científica não requer que você tenha essa ou aquela crença religiosa (ou ateuista), mas sim método, teoria testável, fatos e dados.

É direito científico e constitucional dos autores da obra sob resenha defender que a melhor explicação para os fenômenos em tela é a sobrevivência da consciência. Devemos distinguir essa conclusão, legítima, e passível de crítica, do conjunto de investigações no campo que os autores apresentam para que o leitor possa, ele próprio, escolher qual explicação lhe parece mais sólida.

Para criticar essa conclusão, o que é direito científico e constitucional dos resenhistas, eles não ofereceram um panorama do conteúdo do livro e algumas vezes usaram argumentos falhos, ênfases estranhas e omissões importantes.

Por exemplo, a resenha não comenta o prefácio, para o livro, de Robert Cloninger, um dos principais neuropsiquiatras do mundo, com mais de 100 mil citações pelo Google Scholar. Ou ainda comenta terem sido usados adjetivos positivos para Kant e Fichte, enquanto Darwin não teria sido louvado. É natural, no entanto, que sejam dedicadas ênfases diferentes (mais em livros de mais de um autor) para mostrar, contra o discurso *cético*, que grandes nomes da ciência e da filosofia defenderam algum tipo de posição dualista.

Também escrevem que o terceiro capítulo “é dedicado a criticar alguns argumentos neurocientíficos a favor do monismo” (Gontijo; Gontijo, 2023, p. 2). Eu mesmo gostaria de escrever sobre a confusão entre monismo e materialismo, mas, no caso do livro, a observação é inadequada. O capítulo se dedica a refutar “as objeções

empíricas e filosóficas mais frequentemente levantadas e que impedem que a hipótese da sobrevivência receba um julgamento justo” (Moreira-Almeida; Costa; Coelho, 2022, p. 23).

Invocando Damásio, dizem “não ser necessário adicionar espíritos aos modelos teóricos que explicam a origem da consciência” (Gontijo; Gontijo, 2023, p. 2). O problema é que não há qualquer modelo teórico científico que explique a origem da consciência. Enfatizo aqui: *não há qualquer modelo científico que a explique, nem remotamente*. Fica difícil entender a passagem. Será que se referiam à especulação filosófica de Daniel Dennett (1991)? E o modelo de Dennett explica algo? Não julgo assim, e poucos julgam.

Continuam alegando que os autores “apresentam muitas evidências ruins como se fossem razoáveis” (Gontijo; Gontijo, 2023, p. 2), mas não apresentam um exemplo sequer de evidência ruim e do porquê de ela ser ruim. Nenhuma das dezenas de evidências descritas no livro foi sequer rerepresentada, que dirá rebatida. Posso dizer com algum conhecimento de causa que a maioria das evidências selecionadas pelos autores são as mais validadas, e publicadas em algumas das revistas mais tradicionais da medicina, psiquiatria e psicologia.

Acredito que há uma confusão dos resenhistas entre *evidência ruim* e *tipos de evidência*. Estudos de caso não são *evidências ruins*. São evidências descritivas, as possíveis em determinada natureza de fenômeno. Eles servem como primeiro passo no longo processo de investigação científica, geralmente, são o começo da investigação de um fenômeno, enquanto a ciência ainda está no trabalho de *descrever* o fenômeno, e longe de testar hipóteses sobre sua *causa*.

Um estudo de caso tem sim o nível mais baixo na hierarquia de evidências quando é usado para corroborar uma hipótese causal, avaliar eficácia terapêutica ou etiologias de doenças. No entanto, um único estudo de caso confiável, e com muitos registros, pode ser o *cisne negro* (ou *white crow*) suficiente para refutar (ou enfraquecer) uma hipótese aceita. Isso poderia, em tese, ser o caso com a hipótese atual de extinção da consciência após a morte cerebral. Mas mesmo no que pode revelar de positivo sobre um fenômeno, estudos de caso não devem ser descartados, como a investigação do eclipse em Sobral por Einstein não nos deixa esquecer.

Não devemos confundir métodos descritivos e experimentais na ciência, e os papéis que diferentes tipos de evidências cumprem no ciclo de investigação científica. De fato, qualquer posição sobre a sobrevivência da consciência à morte está longe de

ser testada por um experimento. Apesar disso, acumulam-se descrições de fenômenos que teriam essa explicação como a mais provável. O que impressiona na resenha, entretanto, é que as principais evidências apresentadas no livro não são relatos de caso. São estudos longitudinais, transversais, caso-controle ou mesmo alguns experimentos (no caso da mediunidade). Por que focar em estudos de caso?

Outra crítica da resenha foi ao fato de que há estudos sobre mediunidade que não revelaram dados que corroborassem o fenômeno. Mas esse é somente o esperado. A mediunidade, se existe, é para ser um fenômeno raro e, por natureza, refratário à observação mensurada. O natural é que a maioria das pessoas não seja médium e que a maioria das alegações de mediunidade seja fraudulenta. Estudos corroborando isso não nos dizem nada de novo.

A questão não é essa. A questão é avaliar o quanto aqueles estudos que indicaram o contrário foram bem conduzidos e podem ser replicados. Para se ter uma ideia do resultado geral das investigações sobre um problema científico específico, usa-se uma metanálise, que tem o grau mais alto de nível de evidência científica, e não se escolhem os estudos que corroboram sua visão.

Os autores do livro se referiram a uma metanálise (Sarraf et al., 2021) das pesquisas com médiuns. Essa metanálise foi contraposta pelos resenhistas a outra (Rock et al., 2021) que era um capítulo de livro, sem indicação de revisão por pares. Além disso, a metanálise do livro é mais abrangente, engloba todos os estudos da metanálise de Rock e mais alguns. E ainda, nesta última se defende hipótese de que há diferença no tamanho do efeito para experimentos sem *sitters* em comparação com experimentos com *sitters* intermediários. Esse resultado não é mencionado pelos resenhistas, e indica uma diferença entre os experimentos sem *sitters* e com *sitters*, de um tamanho de efeito de 0,36 (IC 95% 0,22, 0,49). Rock et al. (2021) especulam que experimentadores propensos à *psi* tenham conduzido os estudos com *sitters* intermediários, enquanto céticos tenham conduzido os sem *sitters*.

Gontijo; Gontijo (2023, p. 3) também escrevem que “a mediunidade de Leonora Piper e de Chico Xavier não convenceu todos aqueles que os investigaram”. Mas essa é a natureza não só da ciência, mas humana. Todas as evidências até aqui de que a Terra é aproximadamente esférica também não convenceram todos os que estudam isso. Esse fato em si não diz nada sobre a força das evidências.

Não digo isso como provocação, pois eu mesmo não estou convencido da mediunidade de Chico Xavier, por exemplo. Mas estou convencido de que explicações

fisicalistas não dão conta de todos os fenômenos que foram bem registrados com ele. E aqui entra a questão, novamente, das explicações. Você pode oferecer explicações materialistas para todos os fenômenos, mas não pode exigir que as pessoas as achem convincentes. Muito menos alegar que elas são *científicas*. Quando estamos diante de casos extremos, explicações materialistas costumam ser muito mais mirabolantes e inverossímeis do que as que aceitam a substancialidade da consciência.

No entanto, fica a curiosidade. Onde estão as explicações materialistas, dadas pelos resenhistas para os fenômenos registrados com Piper, por exemplo? Não aparecem. Quem não ficou convencido, deu que explicação para eles?

A aparente ânsia dos resenhistas em desqualificar os fenômenos cujas investigações são sumarizadas no livro os leva a outras afirmações precipitadas. Afirmam que o fato de alegações de memórias de vidas passadas em crianças serem mais comuns na Ásia seria sugestivo de sua natureza cultural. É uma extrapolação inadequada. Há muitos casos de memórias assim sumamente documentados em todo o mundo. Acho que qualquer psicólogo, acreditando ou não em reencarnação, reconhece que esse fenômeno desconcertante merece investigação aprofundada.

O fato de haver mais casos na Ásia tem explicações tão simples quanto a maior densidade populacional ou o conforto das crianças para falar sobre isso em culturas que não recebam suas supostas memórias como loucura. Shushan (2022) e Obst (2009) compartilham dessa opinião. Eles concluíram que a evidência não pode ser apenas cultural, já que se apresenta de modo consistente e muito pouco variado nas diferentes culturas. O livro resenhado oferece até conclusões mais modestas.

Ainda questionando a força das evidências sobre essas memórias em crianças, Gontijo; Gontijo (2023, p.4) afirmam que os autores “argumentam que crianças com lembranças de supostas vidas passadas são psicologicamente similares àquelas sem esse tipo de experiência”. Mas o que está publicado é que “nenhum dos três estudos que realizaram testes psicológicos em crianças que alegam vidas passadas e compararam a crianças controles encontrou diferenças no grau de sugestionabilidade ou na tendência a confabular” (Moreira-Almeida, Costa, Coelho, 2022, p.64). Ou seja, a afirmação restringe-se à variável relevante, que é o que importa em ciência. O que estava em questão é se as crianças fantasiavam essas memórias. O que de fato os autores disseram é que “as crianças que relatam vidas passadas são geralmente saudáveis e levam uma vida normal”, o que é corroborado por estudos da área.

É o que afirma também outra revisão, mais recente, feita pelo próprio

Haraldsson (2014, p.25): “Essas crianças não fabulam mais do que as outras crianças, não são altamente sugestionáveis, não vivem em isolamento social ou em famílias com distúrbios de relacionamento e, aparentemente, não exibem o comportamento de busca de atenção”. E conclui: “As evidências que sustentam a hipótese de reencarnação vêm crescendo nas últimas décadas”.

Gontijo & Gontijo (2023, p.4) afirmam que “a revisão de Kirschnick et al. [...] constatou que a força ou a qualidade das evidências desses achados costuma ser baixa”. No artigo (Kirschnick, 2023) vemos que apenas uma pequena parte dos casos (n=19, dos mais de 2.500) com marcas de nascença na cabeça ou pescoço foi revisada. É bem problemático extrapolar de 19 para 2.500 casos. Além disso, foi publicado logo depois (Matlock, 2023) artigo investigando 75 casos com o mesmo tipo de marcas que concluiu que os 19 do artigo anterior não são representativos. E mesmo que a qualidade fosse baixa, nunca é demais lembrar que a da maioria dos estudos em qualquer área também é. Devemos nos ater aos melhores e mais bem conduzidos. O fato de um estudo particular ser frágil não implica que o conjunto de estudos seja frágil.

A imensa quantidade de EQMs também não convence os resenhistas, que consideram a existência de variações de certas características das EQMs entre alguns grupos indicativa de que não há características transculturais nelas. Traduzindo, se um cristão vê Jesus e um muçulmano Maomé, o fenômeno seria culturalmente produzido.

O problema é que essa é mais uma pressuposição falsa. Há anos tem sido bem documentada a existência de características transculturais na EQM. Uma boa obra sobre o tema é a recente revisão de Shushan (2022). O principal pesquisador do campo das EQMs, Bruce Greyson, no mesmo livro citado pelos resenhistas, também afirma isso. Ele diz que, nas EQMs, “há um fenômeno nuclear que permanece invariante através dos séculos e ao redor do globo” (Greyson, 2013, p. 266-7).

Os resenhistas buscaram uma afirmação antiga de Greyson, de mais de vinte anos, segundo a qual as pesquisas têm “oferecido evidências indiretas que apoiam os três paradigmas da etiologia da EQM (neurofisiológico, transcendental e psicológico), mas não há qualquer evidência direta de nenhum deles até o momento” (Greyson, 2013, p. 267). Isso não seria problema, como disse, o que está em jogo aqui para validar um campo de investigação é a qualidade dos dados, não as explicações dos dados.

Mas sete anos depois, ele afirmou:

Tais características transcendentais ou místicas e a ocorrência de um funcionamento mental ampliado, quando o cérebro está gravemente danificado, desafiam a suposição

comum da neurociência, a qual afirma que a consciência é unicamente o produto de processos cerebrais, ou que a mente é meramente um epifenômeno de eventos neurológicos (Greyson, 2009, p. 213-214, tradução nossa¹).

Em seu livro recente, balanço de 40 anos de pesquisa em EQM, Greyson afirma:

Experiências como as EQMs parecem para mim envolver tanto o cérebro físico como a mente não-física [...] Parece-me plausível que as EQMs possam ser desencadeadas por alterações elétricas ou químicas no cérebro que permitem à mente experimentar a separação do corpo no momento da morte (Greyson, 2021, p. 209, tradução nossa²).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lamento ter submetido o leitor a uma longa crítica de pontos levantados pelos resenhistas. Me senti compelido a fazê-lo, por alguns motivos. O primeiro é que o livro só tem a pretensão de ser uma revisão de área, e realiza bem seu intento. É um bom inventário para quem eventualmente não conheça bem a investigação científica desses fenômenos. Segundo porque os melhores estudos na área são citados pelos autores. Terceiro porque o livro foi bem recebido, alguns cientistas e filósofos das melhores universidades e centros de pesquisa do mundo têm publicado resenhas elogiosas.

Gontijo; Gontijo encerram sua exposição com uma frase condescendente nos exortando a “vigiar para que a esperança e o conforto proporcionados pelo dualismo não corrompam nossa racionalidade” (2023, p.6). Fazem isso como se a crença na substancialidade da consciência fosse algo irracional, causada por nossa fraqueza em aceitar a morte. Poderia ser condescendente também, pois considero sem fundamento racional (só empírico) a crença de que a consciência é um produto do cérebro. Da mesma forma, conheci na vida muitas pessoas de caráter depressivo ou mesmo psicopático que têm como esperança máxima a extinção da consciência com a morte. E se não se matam, é porque desconfiam que podem estar erradas.

Mas não farei isso; não tenho que pressupor motivações de quem quer que defenda um ponto de vista válido. Tenho certeza de que o problema que estamos abordando aqui é muito difícil e permite vários tipos de interpretações. O que ele não permite mais é a ausência de investigação científica.

¹ Such transcendental or mystical characteristics and the occurrence of enhanced mental functioning when the brain is severely impaired challenge the common assumption of neuroscience, which asserts that consciousness is solely the product of brain processes, or that the mind is merely an epiphenomenon of neurological events.

² Experiences like NDEs seem to me to involve both the physical brain and the nonphysical mind. It seems plausible to me that NDEs may be triggered by electrical or chemical changes in the brain that permit the mind to experience separating from the body at the moment of death.

Não questiono o direito ou a pertinência de uma crítica negativa, assim como espero que os resenhistas não questionem o meu direito de criticar negativamente sua crítica. O que quero enfatizar aqui, no entanto, é que o tempo no qual militantes *céticos* conseguiram suprimir a investigação de certos fenômenos pela ciência, acabou.

A quantidade de evidências acumuladas por cientistas pioneiros, muito mais corajosos e obstinados que nós, tornou impossível aos *céticos* jogar esses fenômenos para baixo do tapete. Acho melhor eles irem se acostumando a criticar livros como *Ciência da Vida após a Morte* e procurarem no futuro melhores fatos e argumentos para isso. A investigação científica desses fenômenos veio para ficar.

REFERÊNCIAS

DENNETT, Daniel. **Consciousness Explained**. Boston: Little, Brown and Co., 1991.

GONTIJO, Daniel; GONTIJO, Natacha. Resenha Crítica do Livro “Ciência da Vida Após a Morte”. **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, v. 18, n. 02, e182r01, p. 01-08, jul./dez. 2023.

GREYSON, Bruce. **After: A Doctor Explores What Near-Death Experiences Reveal about Life and Beyond**. New York: Saint Martin, 2021.

GREYSON, Bruce. Experiências de quase morte. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley. (Ed.). **Varietades da experiência anômala**. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 241-270.

GREYSON, Bruce. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. **Arch. Clin. Psychiatry**, São Paulo, v. 34, supl. 1, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700015>.

GREYSON, Bruce. Near-Death Experiences and the Brain. In: CRAFTFORD, L.; BRUCE, G.; FRED, A. (Ed.). **The Handbook of Near-Death Experiences: Thirty Years of Investigation**. Santa Barbara: Praeger, 2009. p. 213-214.

HARALDSSON, Erlendur. Memórias de uma vida passada? Mind-Brain Series. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 21-26, 2014. <https://doi.org/10.1590/0101-60830000041216>.

KIRSCHNICK, L. B.; SCHUCH, L. F.; ROCHA, A. C.; ÁVILA PIRES, E. V.; MARTINS, M. D.; SANTOS-SILVA, A. R. Birthmarks and birth defects in the head and neck region and claims of past-life memories: A systematic review. **Explore**, New York, v. 19, n. 5, p. 663-668, sep./oct. 2023. doi: 10.1016/j.explore.2023.02.002.

MATLOCK, James. Birthmarks and birth defects in the head and neck region and claims of past-life memories: Cases in Ian Stevenson's Reincarnation and Biology. **Explore**, New York, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.explore.2023.10.011>. Acesso em: 08 jun. 2024.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; COSTA, Marianna Abreu; COELHO, Humberto Schubert. **Science of Life After Death**. Springer, 2022.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; COSTA, Marianna Abreu; COELHO, Humberto Schubert. **Ciência da Vida Após a Morte**. Belo Horizonte: Ampla, 2023.

OBST, Helmut. **Reinkarnation: Weltgeschichte einer Idee**. Verlag C.H. Beck, 2009.

SHUSHAN, Gregory. **The Next World: Extraordinary Experiences of the Afterlife**. White Crow Books, 2022.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 28-11-2023

Aprovado em: 05-09-2024

Editor de seção: Flávio Senra.